

**Allana dos Santos Nunes**

Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA).

[allanasn1603@gmail.com](mailto:allanasn1603@gmail.com)

**Bruna Alves Cabral**

Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA).

**Dorismar Linhares Pinto**

Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA).

**Letícia Pinheiro de Almeida**

Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA).

**Carla Renata Braga de Souza**

Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS).

## A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DENTRO E FORA DO CONTEXTO PANDÊMICO: RELATO DA VALIDAÇÃO DE UMA CARTILHA

---

### INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra a mulher é uma problemática vigente na contemporaneidade, podendo ocorrer de diferentes formas. O Instituto Maria da Penha (2018) informa que há a violência física, que se dá por qualquer ação que lese o corpo; a psicológica, que ocasiona abalos emocionais e diminui a autoestima e o desenvolvimento íntegro; a sexual, ocorrendo quando é violada a escolha de não participar de qualquer ato sexual; a patrimonial, que acontece por meio da destruição dos bens materiais ou usufruí-los sem o consentimento da proprietária; e a moral, quando se difama e ofende a vítima.

O período de isolamento social ocasionado pela pandemia de COVID-19 favoreceu o crescimento de casos relacionados à violência doméstica, o que pôde ser percebido por meio de notícias relatadas nas mídias, nos dados de organizações combatentes dessa violência, que apontaram as causas do aumento de casos devido a problemas econômicos e à tensão gerada pela pandemia e da expansão no número de relatos feitos através dos canais de comunicação nacionais, próprios para esse tipo de denúncia (VIEIRA; GARCIA; MACIEL, 2020).

Frente a esse contexto, observou-se a importância de se contribuir no enfrentamento da violência doméstica contra a mulher. Diante disso, foi elaborada uma cartilha intitulada “A violência doméstica dentro e fora do contexto pandêmico: a quem recorrer?” com o objetivo de disseminar informações acerca da temática, especialmente, para que as pessoas possam identificar quaisquer resquícios de violência e saibam como denunciar e procurar ajuda.

Com isso, o material contém a definição de violência doméstica, quais os tipos existentes, quais as mulheres mais afetadas, considerando questões raciais e de classe e, especialmente, explica como e onde pedir ajuda. Ademais, compreendeu-se a relevância de que o material elaborado fosse construído de modo acessível quanto a sua linguagem e design. Por isso, foi realizada a sua aplicação com um grupo de mulheres para que ocorresse sua validação como material informativo qualificado.

## **OBJETIVOS**

Apresentar o processo de validação de uma cartilha, que ocorreu através de encontros grupais com o público-alvo do material, no intuito de se observar como o público recebe e analisa a cartilha.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um relato de experiência decorrente da disciplina de Práticas Integrativas VII do curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá. A prática ocorreu entre março e abril de 2021 e se deu na Associação Maria Mãe da Vida (AMMV), uma instituição localizada no município de Quixadá, no Ceará, que acolhe mulheres, a partir de 9 anos, que estão socialmente vulneráveis. As atividades para a validação da cartilha foram realizadas através da modalidade grupal, tendo como participantes mulheres acima de 18 anos. As intervenções aconteceram em quatro encontros, de modo remoto, por meio da plataforma digital Google Meet, com, aproximadamente, 01h30min de duração cada. No

último encontro, foi aplicado um questionário estruturado, voltado para a avaliação do conteúdo informativo da cartilha, bem como sua aparência e linguagem utilizada, para assim, ser obtida a validação do material.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A disseminação de informações pode ser um modo de contribuição para o enfrentamento de problemáticas contemporâneas. Frente a isso, uma das opções para se realizar essa ação é o material educativo, instrumento que deve oferecer, de modo didático, conhecimentos acerca de um tema, favorecendo de forma eficiente o aprendizado do público-alvo que pretende alcançar (KAPLÚN, 2003). A cartilha é um exemplo de material que pode ser de fundamental relevância para informar e sensibilizar sujeitos, sendo interessante a presença de recursos visuais para torná-la mais atrativa e de fácil compreensão para os leitores (ALVES; GUTJAHR; PONTES, 2019).

A construção da cartilha elaborada aconteceu frente a essas considerações, posto que ela apresenta cores atrativas e recursos dinâmicos, ilustrações. Além disso, verificou-se a capacidade do material em proporcionar o aprendizado sobre uma temática, visto que as mulheres afirmaram a obtenção de conhecimentos novos, especialmente acerca dos equipamentos que atendem à problemática, como a Central de Atendimento à Mulher, e sobre os tipos de violência, já que algumas tinham um conhecimento restrito à física.

Assim, cabe pontuar que é importante que o material seja acessado em uma versão eficaz e, por isso, é significativo que haja um processo de avaliação após a sua elaboração, para ser verificada sua veracidade. Além disso, é importante que nessa ação aconteça a contribuição do público-alvo, para haver uma consonância entre a compreensão do investigador e a opinião dos avaliadores. A partir disso, pode ser verificado se o conteúdo é de fácil compreensão, coerente, apropriado culturalmente e possui uma estética agradável, como também podem ser expostos pontos que ainda precisam ser modificados ou melhorados (BRASIL, 2017; LEITE et al., 2018; MOREIRA; NÓBREGA; SILVA, 2003).

Dessa forma, no último encontro do grupo com as mulheres, foi realizado um questionário estruturado, o qual possibilitou a validação do material com opiniões favoráveis sobre sua acessibilidade e design, com poucas sugestões de alterações. As participantes salientaram que a linguagem utilizada era simples e acessível, o que facilita ainda mais a difusão do tema. Outro ponto analisado foi o design, que estava agradável, apesar de que, para elas, poderiam ter cores mais suaves e a fonte usada poderia ser maior, uma vez que algumas mulheres do grupo tinham problemas na visão. Por fim, as integrantes gostaram da presença da Nise, personagem da cartilha, visto que deixava o material mais interativo ao proporcionar um diálogo com as leitoras.

Outra questão a ser pontuada diz respeito à dinâmica grupal, meio utilizado para a realização das intervenções. A respeito do gerenciamento do grupo, as discentes se organizaram para que duas ficassem responsáveis pela condução ativa dos encontros e duas se responsabilizassem por uma escuta atenta e pela anotação dos pontos discutidos mais relevantes. A cada encontro um tópico da cartilha era explicado e debatido. A vivência de grupo, segundo Duarte (2011), se caracteriza como um processo de comunicação intersubjetiva e interação face a face, na qual há o compartilhamento de reflexões, questionamentos e valores, sendo, portanto, um contexto que instiga mudança social.

A modalidade grupal se mostrou qualificada para o fortalecimento e mudança de comportamentos frente às situações de violência e enfrentamento dessa realidade, uma vez que foi possível observar que os encontros grupais se tornaram ambientes favoráveis ao diálogo e compartilhamento de sentidos, posto que foram expostas e debatidas concepções sobre a temática, como também houveram relatos de vivências que as mulheres antes não sabiam que poderiam nomear como violências, sendo isso um ponto positivo para a cartilha, que deu conhecimento sobre o assunto e motivou a aplicação de seu conteúdo na vida do público-alvo.

Ademais, os encontros aconteceram na modalidade remota, para que fossem apropriados ao contexto da pandemia do COVID-19. Segundo Beiras, Bronz e Schneider (2020), a necessidade de adequação ao modo online pode trazer aos grupos alguns desafios, tais como: dificuldades de acesso a tecnologias qualificadas, causando a ausência de

integrantes do grupo; possíveis problemas técnicos que possam diminuir a qualidade da transmissão das informações; desorganização de falas em momentos de interação; a diminuição da espontaneidade típica de encontros presenciais, além disso, como as pessoas estão em suas casas e podem ocorrer interferências do local, há a possibilidade de ser prejudicada a privacidade e de haver momentos de dispersão.

Dessa forma, pode-se observar que, apesar das dificuldades citadas pelos autores, as mulheres conseguiram ter acesso aos encontros e participaram de forma ativa, tanto por meio do microfone quanto pelo chat, sem prejuízo significativo na qualidade de comunicação do grupo. Entretanto, em alguns momentos houve perda de conexão, desorganização nas falas ou interferências externas devido a algum microfone ligado, porém, com o passar dos encontros esses problemas foram se resolvendo à medida que as integrantes iam se adaptando ao modelo remoto. Por fim, vale ressaltar que, antes dos encontros ocorrerem, as criadoras do material levantaram a hipótese de que as participantes pudessem se sentir retraídas para falar, como os autores citaram, todavia, isso não se concretizou, posto que as mulheres interagiram frequentemente.

## CONCLUSÕES

A experiência relatada possibilitou a observação de que uma cartilha tem um impacto tanto informativo, como de reflexão, visto que as integrantes do grupo compreenderam e repensaram sobre vivências particulares que remetem à problemática. A metodologia de grupo também contribuiu para isso, uma vez que favoreceu um ambiente confortável para o compartilhamento de experiências. Diante disso, cabe pontuar o bom engajamento das participantes, obtido mesmo com os encontros sendo realizados de modo online, formato que trouxe alguns desafios no começo, como dificuldades quanto ao controle do microfone e uso do chat da ferramenta *Google Meet*.

Além disso, obtiveram-se aprendizados relevantes sobre a dinâmica da construção de um material educativo, uma vez que ficou perceptível a importância da participação da Psicologia na disseminação de informações, trabalhando com materiais educativos

aprovados por seu público-alvo, que pode contribuir de forma efetiva na qualidade do produto. Por fim, passar por uma experiência na modalidade de grupo foi de suma importância, posto que permitiu que fossem conhecidas percepções e vivências diversas sobre uma temática relevante e urgente na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. J. M. *et al.* Processo metodológico de elaboração de uma cartilha educativa socioambiental e suas possíveis aplicações na sociedade. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 69-85, 2019.
- BEIRAS, A. *et al.* Grupos reflexivos de gênero para homens no ambiente virtual: adaptações, desafios metodológicos, potencialidades. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 29, n. 68, p. 61-75, dez. 2020.
- BRASIL, G. B. **Tecnologia educacional para pessoas convivendo com HIV**: estudo de validação. 2017. 69 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.
- DUARTE, K. R. Oficinas em dinâmica de grupo com mulheres vítimas de violência doméstica: contribuições metodológicas aos estudos sobre violência de gênero. **OPIS**, Catalão, v. 11, n. 1, p. 111-124, jan./jun. 2011.
- KAPLÚN, G. Material educativo: a experiência de aprendizado. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 27, p. 46-60, maio/ago. 2003.
- LEITE, S. S. *et al.* Construção e validação de Instrumento de Validação de Conteúdo Educativo em Saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 71, p. 1635-1641, 2018.
- MOREIRA, M. F. *et al.* Comunicação escrita: contribuição para a elaboração de material educativo em saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 56, n. 2, pp. 184-188, 2003.
- TIPOS de violência. **Instituto Maria da Penha**, 2018. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em: 19 set. 2022.
- VIEIRA, P. R. *et al.* Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista Brasileira Epidemiologia**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-5, 2020.

## APÊNDICE

APÊNDICE I – CAPA DA CARTILHA E PÁGINA COM APRESENTAÇÃO DA  
PERSONAGEM NISE